

DISCURSO E INTERAÇÃO: A REFORMULAÇÃO NAS ENTREVISTAS*
(Discourse and Interaction:
Reformulation in Interviews)

Leonor Lopes FÁVERO, Maria Lúcia da C. V. de O. ANDRADE
(Universidade de São Paulo) &
Zilda Gaspar Oliveira de AQUINO (Faculdades Oswaldo Cruz)

ABSTRACT: The purpose of this paper is to analyze the correction as a procedure used by participants to repair actions in the interactional activity. In order to do this, we observe interlocutors' activities during interviews transmitted on TV and we take into account Charaudeau's perspective (1995) about the conditions which organize the right to speech.

RESUMO: Partindo de uma abordagem textual-interativa, este artigo discute a correção como um procedimento de reformulação de ações utilizado pelos participantes da atividade interacional. São observadas as atividades dos interlocutores durante entrevistas transmitidas pela televisão, tendo em vista as condições que organizam o direito à palavra, propostas por Charaudeau (1995).

KEY WORDS: Discourse; Interaction; Interview; Reformulation.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Interação; Entrevista; Reformulação.

0. Introdução

A conversação é sempre resultante de uma atividade interpessoal desenvolvida entre pelo menos dois indivíduos em situação face a face, dentro de uma configuração contextual de que fazem parte os entornos espaço-temporal e sócio-histórico que unem os participantes. Há diferenças de grau de manifestação da co-produção discursiva, segundo o caráter mais dialógico ou menos dialógico do texto. No caso de entrevistas de televisão, temos uma construção textual em que a dialogicidade pode-se apresentar em grau menor, ou seja, mais assimétrica, se compararmos, por exemplo, com conversações espontâneas entre amigos; entretanto, trata-se de uma interação menos assimétrica do que uma conferência ou aula em que, basicamente, apenas um dos interlocutores mantém o turno.

* Uma versão abreviada deste trabalho foi apresentada no Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso: controvérsias e perspectivas, realizado na Faculdade de Letras/UFMG – Núcleo de Análise do Discurso, no período de 11 a 14 de novembro de 1997.

Partir de uma abordagem textual-interativa permite estudar, nas entrevistas, as relações interpessoais estabelecidas devido à maneira como esse evento discursivo está organizado. Para tanto, é preciso observar –como afirma Brait (1993: 194) -

“não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer que, juntamente com outros recursos, tais como entoação, gestualidade, expressão facial etc., permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociações, de trocas, de normas partilhadas, de concessões”.

Com o objetivo de trabalhar essa especificidade do discurso oral, discutiremos as propriedades identificadoras da correção enquanto atividade de reformulação textual tendo como *corpus* uma entrevista do programa *Roda Viva*, com duração de noventa minutos, transmitido pela TV Cultura de São Paulo, no dia 24/10/1994, em que foi entrevistado o então Ministro da Fazenda Ciro Gomes. Nesse programa, tem-se um entrevistador que cumpre o papel de condutor e mediador da entrevista junto a um grupo de entrevistadores (em torno de seis) que varia conforme a área de atuação da pessoa entrevistada. No caso da entrevista sob análise, o grupo compõe-se, principalmente, de profissionais que atuam em jornais e revistas de grande circulação na imprensa escrita, mas há também a participação de jornalistas de televisão e especialistas na área de economia.

Para fazer o contraponto, estaremos utilizando trechos de entrevista da qual participa Paulo Salim Maluf, também no Programa *Roda Viva* e do locutor esportivo Silvio Luís, do Programa Juca Kfourri, apresentado pela CNT (Gazeta).

Cabe destacar que a investigação foi conduzida a partir dos pressupostos teóricos de disciplinas tais como a Análise da Conversação, a Linguística Textual e a Sociolinguística Interacional, visando à análise da estrutura de participação e à observação do alinhamento adotado para a situação de representatividade durante a interação, no momento em que se processam as reformulações.

1. A interação e a estrutura de participação

A comunicação interpessoal desenvolve-se entre indivíduos e é entendida como uma relação dialógica em que ambos os interlocutores adaptam continuamente o diálogo às necessidades do outro. Desse modo, a interação caracteriza-se por situar-se em um contexto em cujo âmbito se estabelece um campo de ação comum no qual os sujeitos envolvidos podem entrar em contato entre si. Torna-se, portanto, fundamental a capacidade de ação de cada indivíduo, que deve estar apto a influir no desenvolvimento sucessivo da interação, determinando-o com sua atuação: cada ação de um sujeito deve constituir a premissa das ações realizadas posteriormente pelos demais. Por fim, a interação realiza-se sobre uma série de regras e pode até introduzir alterações no contexto, configurando-se como um processo circular em que as ações de cada participante determinam um retorno por parte do outro ou dos outros sujeitos implicados. É uma espécie de retroação sobre o indivíduo que a realizou.

Na visão de Kerbrat-Orecchioni (1984), o discurso deve ser tomado como um processo interativo fundado na manutenção de acordos a que se chega por meio de negociações. Tais negociações podem ter como objeto a forma ou o conteúdo da interação. Do mesmo modo, podem ter como objeto as opiniões emitidas pelos participantes, pondo em prática uma série de processos argumentativos que visam a modificar o sistema de conhecimentos e crenças dos participantes.

Para Goffman (1967), a negociação tem sempre origem em um conflito ou divergência e, a partir de uma discussão, busca-se chegar a um acordo. Seguindo a perspectiva de Goffman, o conflito inicial dá origem a uma *iniciativa* por parte do locutor. Após essa manifestação, o interlocutor pode fazer uso de uma *reação*, que pode ser favorável ou desfavorável. No primeiro caso, a negociação pode ser concluída com a manifestação de um acordo, que dará lugar ao encerramento ou fecho da interação. No outro caso, a conversação não poderá ser encerrada visto que não há acordo. O locutor pode fazer uma ou várias iniciativas que podem ser reformulações da mesma informação até que se possa chegar ao encerramento da interação com algum tipo de acordo, que pode inclusive ser o acordo sobre a possibilidade de se chegar a um acordo.

De acordo com Schiffrin (1987), o discurso é estruturado por meio de elementos lingüísticos e não lingüísticos, e transmite significações decorrentes

das interpretações que os falantes fazem com base nos conteúdos dos enunciados e nas inferências obtidas pragmaticamente, realizando ainda as ações pretendidas pelos falantes.

A estrutura de participação envolve os participantes da interação (falante, ouvinte ratificado e, no caso das entrevistas, ouvinte não ratificado ou expectadores), isto é, diz respeito às diversas maneiras como eles se inter-relacionam. Para criar essa estrutura, Schifffrin baseia-se em Goffman (1981), apresentando uma distinção entre a estrutura de participação e o formato da produção, ou seja, entre os papéis dos participantes durante um evento discursivo e o alinhamento adotado para a situação de representatividade. O formato de produção só pode ser explicado se atentarmos para a função dos encaixamentos na fala (mudanças de entonação ou qualidade de voz) produzidos pelo falante quando, por exemplo, lê algo em voz alta, recita um texto ou fala por outro, ou seja, através das palavras do outro. Nesse caso, o participante deixa de ser um falante no sentido típico da palavra e torna-se um animador: fala o discurso, mas não é o seu autor, nem seu protagonista. Verificamos, portanto, que o formato de produção evidencia como os participantes se relacionam com o que é dito ou feito, isto é, a sua posição diante de seus turnos, atos de fala e enunciados.

Nas entrevistas, entrevistador e entrevistado cumprem seus papéis alternando-se nos turnos ao mesmo tempo em que contribuem para o desenvolvimento desse tipo de texto. Não se pode deixar de observar o papel desempenhado pela audiência como elemento propulsor de modificações na interação entre os participantes, já que a interação se desenvolve exatamente em função da terceira-parte e é em razão de não se perder esse aliado que se procede a reformulações, preservando-se ou atacando-se a auto-imagem, embora o direito à participação por meio de interferências em que se localizam formulações lingüísticas seja pequeno se o relacionarmos com o tempo de participação direta do entrevistador/entrevistado durante o transcorrer do programa.

Em toda a entrevista, os interlocutores representam seu papel discursivo e de identidade (entrevistador/entrevistado) que pode ser definido como o conjunto de direitos e deveres comunicativos associados aos papéis dos interagentes e ao desempenho de uma identidade social.

Importa salientar a configuração espacial desse programa em que os entrevistadores se encontram reunidos atrás de uma espécie de balcão, que lembra um júri, formando um círculo, no centro do qual está o entrevistado sentado numa cadeira giratória, que permite sua movimentação para poder olhar de frente e se envolver com quem lhe dirige a palavra. Cabe observar

que o programa sob análise apresenta características próprias, na medida em que adota a técnica do distanciamento entre entrevistadores e entrevistado quanto ao espaço físico e deixa de lado o caráter intimista, o contato mais próximo, típicos de certas entrevistas, como por exemplo: *Jô Soares Onze e Meia* (SBT com o animador Jô Soares) ou *Aquela Mulher* (GNT com a jornalista Marília Gabriela). A preferência do programa *Roda Viva* é por manter um tom mais formal e, até certo ponto, inquisitorial às entrevistas veiculadas.

2. A correção e a estrutura de participação

Segundo Antos (1982: 92), ao produzir um enunciado, o locutor realiza uma atividade intencional: “Formular um texto não é só planejá-lo, mas também realizá-lo”, isto é, formular é efetivar atividades que estruturam e organizam os enunciados de um texto e o esforço que o locutor faz para produzi-los se manifesta por traços que deixa em seu discurso. Assim, formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a “tarefa” da compreensão, mas, sim, deixar, através desses traços, marcas para que o texto possa ser compreendido, o que faz com que a produção do texto seja, ao mesmo tempo, *ação e interação*.

Entendidas dessa maneira, as atividades de formulação podem ser subdivididas em:

- a) de formulação *stricto sensu*, quando o locutor não encontra problemas de processamento e linearização;
- b) de formulação *lato sensu*, quando o locutor encontra problemas de formulação e deve resolvê-los.

As situações que desencadeiam problemas (Antos, id.) recebem diferentes denominações; *trouble-source* (Schegloff, Jefferson e Sacks, 1977: 363), *störungen* (Gulich e Kotschi, 1987: 233), *turbulências* (Marcuschi, 1986: 30). São constituídas pelas hesitações, paráfrases, correções e alguns tipos de repetições denominadas por Gulich e Kotschi (id.) *refrasagens*.

A correção¹, objeto de estudo deste trabalho, desempenha papel considerável entre os processos de construção do texto, como o demonstra o número de correções encontradas no *corpus* analisado. Corrigir é produzir um enunciado lingüístico (enunciado reformulador - ER) que reformula um

¹ As correções lingüísticas propriamente ditas foram tratadas em FÁVERO, L. L., M. L. C. V. O. ANDRADE, Z. G. O. AQUINO (1996) *Estratégias de construção do texto falado: a correção*.

No programa *Roda Viva*, se procedêssemos à troca do apresentador Matinas Suzuki por Jô Soares, por exemplo, a palavra não teria a mesma credibilidade já que o segundo, apesar de brilhante, tem sua imagem ligada ao Programa que apresenta – um *talk show*.

No *corpus* sob análise, as relações interativas estão muito bem demarcadas, já que se observa um intenso jogo de reformulações, em que os participantes estão atentos aos papéis que querem representar (Ciro Gomes = ministro enérgico; entrevistadores = conhecedores do processo econômico pelo qual o país atravessa). Entretanto, muitas vezes, o interlocutor interfere na construção de tais papéis, buscando modificar a imagem que o entrevistado quer que a audiência construa. Observa-se, nesses textos, a ausência de opacidade relativa aos papéis de participação de entrevistador / entrevistado. Ao empregar a estratégia da correção, o entrevistado preocupa-se mais com a audiência do que com o envolvimento com o entrevistador, redirecionando a atividade interacional e não permitindo, nesse instante, que o entrevistador assuma o comando da situação.

3. As correção na entrevista com *Ciro Gomes*

O programa *Roda Viva* pauta-se pelo interesse em discutir temas atuais e pelo teor informativo das entrevistas realizadas; é construído em função de questionar, esclarecendo pontos de interesse para a audiência, tanto quanto polemizando as ações, atitudes, idéias do entrevistado, normalmente representado por pessoa que esteja em evidência no momento, seja um político, escritor, esportista, artista etc. (cf. Erlich, 1993). Além disso, diferentemente de outros programas de entrevistas que muitas vezes optam pelo viés humorístico próprio de determinado apresentador para prender a atenção, este programa é construído a partir da área específica de atuação do convidado; esse ponto de vista norteia a convocação do conjunto de entrevistadores, o que significa dizer que os participantes não são fixos, exceção feita ao mediador.

Durante a entrevista, um dos entrevistadores (o jornalista Otávio Costa da *Revista Isto É*, identificado como L9) formula uma pergunta relacionada à queda da Bolsa; entretanto, o entrevistado não a reconhece como tal e, inclusive, discorda da asserção feita antes do pedido de esclarecimento. Isso faz com que o entrevistador use a estratégia da correção de ação (infração): “estou perguntando ((risos))”, revelando que ele como interactante cumpre o seu papel na estrutura de participação, qual seja, o daquele que tem a função de perguntar. Verifica-se que o entrevistador faz uso de um comentário metacomunicativo, fazendo lembrar ao entrevistado qual é o seu papel na estrutura de participação.

- (1) L9 o ministro... a Bolsa já caiu 35% como é que se explica isso
 [

 L2 isso é o senhor que
 está dizendo
 L9 estou perguntando ((risos))
 L2 tem o mesmo endereço né?
 (linhas 976- 981)

Nas entrevistas com políticos, muitas vezes, o entrevistador busca combinar enunciados que desestruturem o entrevistado (cf. Halperín, 1995). É assim que o jornalista de *O Estado de São Paulo* (identificado como L7) elenca as expressões que teriam sido empregadas por Ciro Gomes (L2) a respeito dos especuladores, parodiando a fala do ministro. Este interrompe em sobreposição, corrigindo a colocação do entrevistador e indicando a ação pretendida por L7 que seria a de desqualificar a auto-imagem pública do ministro. Dessa forma, Ciro Gomes mostra-se em desacordo com o ato enunciativo, redireciona, por meio da correção, a atividade interacional, desautorizando o interlocutor a proceder de tal forma, revelando o papel que ele espera que o entrevistador represente, mostrando-se atento à construção do contexto do qual são participantes ativos e, portanto, responsáveis:

- (2) L7 ministro... neste programa até agora o senhor usou...as seguintes expressão alGUMas das que eu anotei aqui... a respeito dos especuladores ... ((mudando o tom de voz e o ritmo)) nojentos... canalhas... safados... ()
 [

 L2 espera um
 pouquinho eu não falei nem nojento nem canalha... isso foi o senhor que falou
 L7 ((rindo)) o senhor falou canalha ((rindo))... mas tudo bem... de qualquer maneira...
 L2 não é possível pois... na verdade... o senhor está querendo desqualificar minha opinião
 [

 L7 não não pera aí não é nada disso...
 [

 L2 o senhor não está preocupado com as minhas palavras está preocupado em desqualificar minha opinião
 L7 não não... MUItO ao contrário... eu queria/
 (linhas 1517-1533)

Na verdade, um político não se apresenta tranqüilo quando participa de um programa de entrevistas, pois sua imagem está sempre em jogo e, se ele não estiver atento, poderá ver atingidos sua imagem e seu poder (cf. Fairclough, 1989).

A preocupação com a auto-imagem perante a audiência conduz o ministro a revelar sua dificuldade em participar de uma discussão em que precisa corrigir a todo instante os entrevistadores e reconduzir o dito porque, caso contrário, se instaura a mentira, a distorção dos fatos e ele não pode admitir isso por implicar a fixação de idéias enganosas que poderiam derrubar o Plano Real.

- (3) L2 olha é muito difícil a gente participar de uma discussão dessa natureza... porque as pessoas que tão nos assistindo tão aí fora e podem ser consultadas como EU faço sistematicamente
(linhas 314-6)

Em outro segmento em que interagem L7 e L2, observa-se que após um pedido de informação do entrevistador, L2 não atende ao pedido, antes emprega uma correção metacomunicativa, em que ao mesmo tempo altera os papéis de participação, assumindo nesse instante a posição de entrevistador-mediador, já que solicita a participação de outro entrevistador, anulando, assim, a ação de L7, que acaba por rir da situação, como se verifica a seguir:

- (4) L7 mas eu gostaria... de aproveitar a oportunidade... e lhe pedir...
os nomes dessas pessoas... quais são... que segmentos da
[
L2 ah:: companheiro
[
L7 sociedade... quais são essas pessoas...
L2 eu acho isso uma provocação e passo à pergunta seguinte...
quem é?
((risos do Casado))
(linhas 1583-1589)

L4 discutia a respeito das medidas tomadas pelo ministro e colocava a posição da FIESP, criticando a forma como as medidas econômicas foram anunciadas.

- (5) L4 as medidas foram jogadas assim... assustou muito isso é uma forma nova que o senhor vai implantar ou

[
L2 não

L4 como o senhor responde a essa crítica deles?

[
L2 não é forma nova não é forma nova não é um pacote... é administração...

(linhas 119-126)

Nesse fragmento, verifica-se que o entrevistado responde à colocação feita por L4 por meio de uma negação e corrige o dito, esclarecendo a respeito do que entende sobre o que é administração e possibilitando que a audiência o observe como alguém que se coloca em situação de superioridade em relação ao entrevistador. Verifica-se que a negação do enunciado, quando acompanhada de um argumentação procedente, realmente parece fortalecer a posição do locutor.

Diferentemente, nos trechos 6 e 7, encontramos uma negação em que não há argumentação. Isto faz com que a correção do dito seja repetida em sobreposição pelo menos por quatro vezes, revelando a não aceitação dessa correção por parte do interlocutor:

- (6) L2 não é verdade... não é verdade

[
L4 todas as medidas que foram discutidas

[
L2 não é verdade... não é verdade

[
L4 com os setores interessados

[
L2 não é verdade... não é verdade

[
L4 e desta vez chegou a coisa não houve assim a discussão

[
L2 não é verdade... eu pessoalmente... estive na FIESP... EU pessoalmente... secretários meus por VÁrias vezes... tiveram na FIESP... e nós estivemos o tempo inTEIRO insistindo na necessidade de garantir esse equilíbrio... o tempo inteiro... eu pessoalmente eu não tenho saído de São

Paulo... basicamente fazendo o quê? ... encontrando
 lideranças sindicais... explicando... discutindo e falando...
 não é verdade isso de forma nenhuma
 (linhas 190-210)

- (7) L2 não é verdade... não... não é verdade...
 [
 L6 enganadas porque de repente queriam comprar e
 não compraram
 [
 L2 não é verdade
 ... não ... não é verdade... não... não é verdade
 (linhas 304-309)

A correção relacionada à ação do entrevistador pode ser detectada no segmento do qual participa Paulo Maluf (L2), durante o Programa *Roda Viva* em que o ex-prefeito corrige o interlocutor, não entrega o turno que foi assaltado e realinha o papel do entrevistador Marcelo Beraba, chefe de redação do jornal *A Folha de S. Paulo* (L3), e observa-se, inclusive, a utilização da entonação enfática (EU) para acentuar o seu poder. O tópico referia-se à anulação do decreto relativo à proibição do fumo em restaurantes, na cidade de São Paulo, devido a sua inconstitucionalidade:

- (8) L2 muito bem... posteriormente foram dadas algumas outras
 liminares...
 [
 L3 então...
 L2 de maneira que... o procedimento...
 [
 L3 o que... o que demonstra... prefeito... que... o que
 demonstra...
 [
 L2 perdão... me deixa explicar...
 [
 L3 mas o senhor não deixa eu falar prefeito... ((riso))
 L2 mas... espere... você me deixe EU explicar... o procedimento
 constitucional é o seguinte...
 (linhas 234-239)

No programa *Juca Kfour* levado ao ar no dia 30 de abril de 1997 pela

emissora CNT-Gazeta, o entrevistado Silvio Luiz (L2), locutor esportivo do SBT, escapa a todo momento do tópico em desenvolvimento (A Torcida do Vasco da Gama) e acaba invertendo os papéis relativos à estrutura de participação: quem é o entrevistador e quem é o entrevistado. O entrevistador Juca Kfourri (L1) se vê obrigado a aceitar a direção que a entrevista passa a tomar (Questões políticas e econômicas do país: segmento 9), mas revela certa impaciência e corrige a ação de seu interlocutor, questionando sobre qual a função do convidado em seu programa (segmento 10):

- (9) L2 pra ele... presidente o que está acontecendo com o nosso país?... o que vamos fazer com os aposentados?... o que vamos fazer com os desempregados?...

L1 vamos... vamos... vamo(s) explorar isso... já que tomou esse rumo

L2 não... isso... isso... vai acontecer

[

L1 não::

L2 então o que aconteceu no Rio de Janeiro... é um

[

L1 Silvio Luiz do CÉU...

L2 reflexo do que o país está vivendo hoje ((batidas na mesa))
(linhas 204-211)

- (10) L1 olha aqui... ((impaciência)) você veio aqui pra ser entrevistado ou pra me entrevistar?...

L2 não... eu não estou te entrevistando

L1 ahn ::

(linhas 278-281)

4. Conclusão

No que concerne à ocorrência de correções nas entrevistas, observamos uma forte tendência a que os falantes procedam a esse tipo de atividade, revelando uma reorganização das ações e/ou infrações dos participantes, tendo em vista, especialmente, a presença da audiência.

Entendida como procedimento que se instaura a partir de uma projeção oriunda da estrutura de expectativa, a correção coloca-se como uma estratégia

que possibilita a resolução de problemas interacionais que estão sendo criados, promovendo um dinamismo dessa atividade.

Pode-se dizer também que há uma ordem de reelaboração textual e ela não é ocasional ou aleatória. Isto aponta para o possível local relevante para a ocorrência de correção, o que leva a reafirmar que as ocorrências de composição do texto conversacional são produto de uma organização local, específica da oralidade, já que o falante tem a possibilidade de usar uma palavra ou estrutura que acabou de produzir ou, ainda, procurar uma nova e/ou mais satisfatória que permita a preservação da auto-imagem pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTOS, G. (1982) *Grundlagen einer Theorie des Formulierens*. Tübingen, Max Niemeyer.
- BRAIT, E. (1993) O processo interacional. In: D. PRETI (org.) *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: Projeto NURC/SP – FFLCH-USP, 189-214.
- CHARAUDEAU, P. (1995) Une analyse sémiolinguistique du discours. In: *Langages*, 117, 3. Paris, Larousse.
- ERLICH, F. (1993). *La interacción polémica: estudio de las estrategias de oposición en francés*. Caracas: Universidad Central de Venezuela.
- FAIRCLOUGH, N. (1989). *Language and Power*. London/New York: Longman.
- GOFFMAN, E. (1967) *Interaction Ritual*. New York: Pantheon Books.
- _____. (1981) *Forms of talk*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- GULICH, E. & T. KOTSCHI (1987) Les actes de reformulation dans la consultation. La Dame de Caluire. In: P. BANGE (org.) *L'analyse des interactions verbales. La Dame de Caluire: une consultation*. Actes du Colloque tenu à l'Université Lyon 2, 13 a 15 dez. 1985, Berna.
- HALPERÍN, J. (1995). *La entrevista periodística: intimidades de la conversación pública*. Buenos Aires: Paidós.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1984). Les négociations conversationnelles. In: *Verbum*. Tomo VII. Nancy, Presses Universitaires de Nancy.
- MARCUSCHI, L.A. (1986) *Análise da conversação*. São Paulo, Ática.
- SCHEGLOFF, E.; G. JEFFERSON & H. SACKS (1977) The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. *Language*, 53, 361-382.
- SCHIFFRIN, D. (1987) *Discourse markers*. Cambridge, Cambridge University Press.